

CÉSAR AIRA

O DIVÓRCIO



cavalo de ferro

Uma Espécie de Introdução

Foi tremulamente que aceitei esta tarefa: na verdade, sentia-me um pouco como Zelig¹, irrompendo uma vez mais no reino de César Aira – primeiro sob a forma de um elogio na capa, depois com uma recensão crítica e agora escrevendo uma espécie de introdução, se bem que pequena. Mas tinha a vantagem de conquistar tão singular privilégio, esta tríade de admiração por um escritor querido e dela merecedor. Em sentido oposto ao do título desta obra assombrosa (indicador de uma dissociação profunda), nada me poderia agradar mais do que o raro privilégio de me ver associada ao cérebro cosmicamente traquinas e profundo de César Aira.

O meu primeiro embate com o autor foi já há algum tempo, na Dinamarca, num festival literário de uma pureza benevolente. Abordei-o no passeio e declarei, intempestiva, que o seu livro *Um Episódio na Vida do Pintor Viajante*² era uma

1 Referência ao protagonista do documentário ficcional *Zelig*, de Woody Allen, de 1983: Zelig é uma personagem camaleónica que se imiscui numa série de eventos históricos. [Todas as notas são do tradutor.]

2 Publicado pela Cavalo de Ferro em Março de 2025, com tradução de Isabel Pettermann.

obra-prima, o que ele negou categoricamente. Foi imperdoável da minha parte interromper o escritor a meio do seu caminho para destacar uma única novela de entre a sua prolífica obra, mas o livro seduzira-me de tal maneira que não me consegui conter.

Foi só quando li e escrevi sobre *The Musical Brain*¹ que percebi por que razão fora ele tão indiferente aos méritos do livro que eu, com fervor, pusera num pedestal. César Aira é dotado de uma mente amplamente flexível e caleidoscópica: consegue ver a equação e as provas em simultâneo. Coloca um cristal no devido lugar e manifesta-se uma estrutura inteira. Ao ler os muitos contos de *The Musical Brain*, tornou-se evidente que as qualidades que eu tanto admirara em *Um Episódio* eram comuns no seu processo: apenas algo que ele faz. Puxa-nos – seja com uma palmadinha no ombro ou pelo cachaço – para dentro de um pesadelo em cascata, repleto de um fulgor em que não conseguimos resistir a entrar.

O que me traz à génese da tarefa em mãos. Estávamos em meados de Abril, no auge da pandemia na cidade de Nova Iorque, e eu encontrava-me sentada à minha secretária, diante das páginas em branco do meu diário, quando a campanha tocou. Andava naquela época a reflectir sobre o vazio. Pensava em como seria negada a peregrinação a Meca a milhões de fiéis. Pensava em cidades-fantasma e catedrais vazias e salas de ópera vazias e parques infantis vazios e

1 O título original é *El Cerebro Musical*.

nos apartamentos vazios dos meus vizinhos postos em fuga pela covid.

Ajuntei a máscara, abri a porta e ali, no cimo dos degraus da entrada, estava um saco de pano. Olhei em redor mesmo a tempo de receber um aceno do meu benfeitor mascarado, que rumava à baixa numa bicicleta antiquada. O saco, que fora desinfectado, continha livros e uma prova tipográfica esguia, de aspecto inocente. Ao ver que se tratava de uma nova obra de César, subi as escadas aos pulos, empurrei o meu trabalho para o lado e comecei a ler com tal pressa que me esqueci de tirar a máscara. O cérebro musical come as teclas, cismeï, ciente de que, com o novo livro de César nas mãos, muito provavelmente não daria conta do meu trabalho.

Enquanto lia *O Divórcio*, começou a nevar. Na página sete, eu já fora arrastada do vazio da pandemia para um mundo cheio até à beira, onde os quartos transbordam, tal como as suas imagens ao espelho, tal como múltiplos reflexos, e reflexos de reflexos de projecções dos quartos.

Li enquanto a neve de Abril continuava a cair. Li sem parar, a par do súbito alastrar de um sol pleno, dissolvendo aquele inesperado manto branco. Escusado será dizer que, ao ler as últimas palavras, derreti.

Não é meu desejo revelar demasiado aos leitores tentando descrever o enredo, mas permitam-me oferecer-vos algumas pequenas frases seleccionadas, jóias dispersas das secções a que chamarei «fogo», «clubes da evolução», «manual» e «gelo».

FOGO: *Havia sido um encontro e despedida tudo-em-um, precipitados por um acidente ou aventura que, com o tempo,*

tomou nas suas recordações dimensões cósmicas, de exploração galáctica.

CLUBE DA EVOLUÇÃO: *Estava vazia, salvo por um objecto quase invisível.*

MANUAL: *Isso explicaria as estrelas de madrepérola oca que lhe acariciavam a testa e não pousavam em nada, como as estrelas de verdade.*

GELO: *Os gelos do Céu não eram menos perigosos.*

Na secção a que chamo «manual», está em curso a busca de um enigmático compêndio repleto de todas as instruções necessárias para cumprir os deveres mais simples de um determinado ofício. Paralelamente, o próprio *O Divórcio* traça o processo para quem deseje compreender ou sentir as possibilidades expansivas de um único momento. É esse o dom prodigioso do autor, e *O Divórcio* é a personificação de tal dom.

Escrevo estas palavras sentada à minha secretária, tendo sido transformada pela obra de outrem. De súbito, tenho novos objectivos, e um plano para transformar o meu quarto, com a sua clarabóia poeirenta e as suas pilhas de livros e talismãs, no espaço energizado do Clube da Evolução do livro.

A roda gira. A roda é a vida contida do livro. Cada raio é um episódio ou uma personagem. Todos fazem parte da mesma história, embatendo no chão em momentos diferentes, desencadeando vibrações em várias frequências, criadas por aquele raio, ou segmento de raio, que for mais predominante em cada momento. Acontece tudo em simultâneo. A moldura vazia contém uma profusão de imagens: o fim do sono, o sonho épico, a projecção do dia pela frente, a memória da noite

anterior. Tudo isto num piscar de olhos — e cabe ao escritor decompô-lo, com uma resistência incrível, raio a raio, e dar-nos uma história.

O seu livro é só seu. Nada do que aqui se diga poderia acrescentar fosse o que fosse ao mais ínfimo esforço do mestre. César Aira é um geómetra psicadélico, e é garantido que *O Divórcio* vos deixará sem fôlego, e isso é tudo o que me resta dizer.

PATTI SMITH

Nova Iorque, Outubro de 2020

Pouco depois do início de Dezembro, abandonei Providence (Rhode Island), onde a primeira neve já tinha ficado sepultada debaixo da segunda, e a segunda debaixo da terceira. Não me importava o que dissera a conselheira psicopedagógica do jardim-de-infância de Henriette, nem a sua mãe. A menina aceitaria com mais facilidade a minha ausência durante um mês inteiro do que as minhas aparições no umbral da que fora a nossa casa, batendo à porta como um estranho, depois de telefonemas e acordos e confirmações, na manhã de Natal, ou na seguinte, ou na anterior, sem falar das correspondentes despedidas. O divórcio era recente, e a nova rotina ia-se estabelecendo aos poucos, penosamente. Não me sentia preparado para encarar na minha nova condição as formalidades enfadonhas daquela época do ano. Uma breve saída de cena da minha pessoa resultaria mais piedosa, para mim e para a minha filha. No regresso, carregado de prendas e de sorrisos, iniciariámos com pé firme a nossa relação tendo por base o que fora estabelecido pelo juiz.

Esta explicação, ainda que resumida e passada a limpo, reproduz a que eu dava a mim próprio enquanto o avião descolava. Mas não reproduz, por ser clara e racional, o tumulto emocional em que me encontrava havia meses, nem a crise

que levava à decisão da minha partida. Começou a apaziguar-se com o correr dos dias de Verão na bela cidade em que me instalei a passar estas deliberadas férias. Ausente dos outros, tive a libertadora experiência de me sentir ausente de mim mesmo. Os dias de sol e os de chuva alternavam-se dentro de um imutável contínuo de luz, uma luz sempre fina, delicada, que tocava as coisas com as pontas dos dedos e continuava ali... Podia ser uma impressão causada pelo prolongamento das tardes, pela folhagem das árvores cujas copas se confundiam no meio da rua, pela lavagem diária do ar que os aguaceiros faziam.

Escolhi Buenos Aires quase por acaso, só por estar longe e pela diferença do clima, e porque era a única cidade que reunia estas duas condições e onde ainda por cima tinha conhecidos, a quem telefonei antes da viagem. Ainda que fossem relações casuais, e a alguns deles nem sequer os conhecia pessoalmente, mobilizaram-se em meu favor com eficiência e com a hospitalidade tão própria daquelas paragens.

Resolveram todos os problemas de alojamento, e pouco antes de chegar já estava acomodado numa simpática pensão, num bairro tão aprazível e também tão cheio de atrações que não senti necessidade nem vontade de sair durante todo o tempo da minha estada. Agradei-lhes não só por me terem resolvido as questões práticas, mas também, e volto a fazê-lo nestas páginas, pela companhia, as conversas, o tempo que me dedicaram.

Os hábitos ociosos, e de uma sociabilidade descontraída, sem objectivos visíveis, consolidaram-se em poucos dias; tinham o encanto extra da sua fugacidade; eram hábitos em

sentido pleno, com tudo o que tranquiliza e serena num hábito, mas sem o travo a prisão perpétua que estes costumam ter. Um deles, o mais constante, para não dizer o único, era o de me sentar a conversar numa das mesas da esplanada de algum dos muitíssimos cafés da zona.

Certa manhã, estava precisamente a uma das mesas da esplanada do Gallego, a falar com uma jovem chamada Leticia, talentosa videoartista que conhecera duas noites antes num jantar ali mesmo. O Gallego era um restaurante pequeno e simpático em que os clientes eram atendidos pelo seu proprietário histórico, fundador e *alma mater*, um velho emigrante espanhol a quem apodavam, desde sempre, de o Gallego. Fora das horas de almoço e de jantar, e também durante as mesmas, porque as coisas no Gallego se faziam com bastante informalidade, o estabelecimento funcionava como café, bar e tertúlia de uma variada clientela do bairro na qual não me tinha custado integrar-me.

Num certo momento vimos o Gallego em pessoa sair para a esplanada. Era um homenzito de pequena estatura; um centímetro menos e teria sido um anão. Apesar dos seus oitenta anos mantinha-se muito activo, em excelente forma física. E a sua lucidez e inteligência estavam intactas, disso eu podia dar fé pelas conversas que havíamos tido; na noite anterior, depois de me despedir do grupo com o qual tinha jantado (eles iam para suas casas; a minha pensão ficava perto, ao virar da esquina, sem atravessar a rua), tinha ficado a falar com ele e a beber um copo até não sei que horas da madrugada.

Saía para o passeio, com o seu passo rápido e o seu ar concentrado, para abrir o toldo de lona sobre a fachada do

local. A essa hora, já perto do meio-dia, o Sol introduzia por uma aberta na folhagem das árvores uma faixa ofuscante de luz que avançava até às mesinhas e aos seus ocupantes. O Gallego, como um duende benévolo atento ao perfeito bem-estar dos seus clientes, não deixava que nada os perturbasse.

Absorto na conversa com a minha jovem amiga, não reparei na sua presença até que se deu o incidente. Não demorou muito. Assim que a primeira prega da lona verde se esticou, accionada pela manivela giratória que o Gallego tinha inserido na roldana, uma massa de água derramou-se sobre a esplanada. A água acumulara-se ali durante a chuva da noite. Por sorte, o enxurro caiu longe da fila de mesinhas, e nem sequer nos salpicou. Talvez não tivesse conseguido fazê-lo mesmo que estivéssemos mais perto, porque foi como se a vítima tivesse absorvido a água toda. Tratava-se de um jovem, com uma bicicleta. Não montava a bicicleta, levava-a pela mão; provavelmente tinha-se apeado um momento antes para subir até à esplanada. Levou com a água como se a tivessem apontado a ele, e acertado. Não era pouca. Não era um duche de gotas soltas. Foi uma baldada sólida de dezenas de litros atraídos pela força da gravidade, directamente sobre ele.

Ficou paralisado pela surpresa, o susto e a molhadela. Sobretudo por esta última, que se impunha a tudo mais. Tinha-se molhado até à última fibra de roupa, até ao último cabelo da cabeça e até à última célula da pele. Parecia continuar a molhar-se, num processo que transcendia no tempo o acidente que sofrera. A água escorria-lhe pela cara, pelos braços (fazia remoinhos ao chegar ao relógio de pulso), formava ondas

suaves por baixo da camisola, inchando-a e ondulando-a, escorria pelo interior das bermudas e criava cortininhas translúcidas, como tubos de vidro sinuoso ao redor da barriga das pernas, e encharcava num fervor frio os pés dentro das sandálias.

Olhávamo-lo fascinados, tão imóveis como ele. Tinha parado em frente à nossa mesa. Passou um momento, talvez muito breve. Em circunstâncias assim é muito difícil medir o tempo. Quem sabe se não passou tempo nenhum, ou apenas a fracção infinitesimal necessária para que no jovem excessivamente molhado o olho se conectasse com o cérebro. Não precisou de desviar o olhar, porque, como disse, o acaso fizera-o parar justamente em frente à nossa mesa; o mesmo acaso que o tinha feito estar no momento exacto debaixo do toldo. Abriu a boca, afastando os fios de água que continuavam a fazer molduras sobre os seus lábios, e exclamou:

— Leticia!

A jovem videoartista que me acompanhava, testemunha como eu do sucedido, teve de fazer uma rápida reacomodação psíquica. Sei-o porque olhei para ela e vi o processo refletido no seu rosto. O protagonista da cena era um ser anónimo, como o são todos os que sofrem percalços na rua. Não é Juan nem Pedro, mas «o que tropeçou», «o que foi assaltado», «o que ficou debaixo das rodas de um carro». Agora ela devia deslocar a sua percepção desse anonimato para um nome, fazendo intervir a memória. Também este foi um trâmite muito breve. Tudo acontecia depressa. Dir-se-ia que a água ainda não tinha acabado de cair do toldo.

— Enrique!

Um homem recém-divorciado procura descontraír na esplanada de um café num dos bairros mais na moda de Buenos Aires. Aí, de modo totalmente imprevisto, uma conversa trivial com conhecidos torna-o o centro de um sem-número de acontecimentos e de excêntricas casualidades que transpõem as fronteiras do espaço e do tempo, passando do meramente implausível para o impossível e até para o absurdo, deixando o leitor «sentir as possibilidades expansivas de um único momento».

Inebriante e de leitura compulsiva, *O Divórcio* é uma das obras mais aclamadas de César Aira e mais uma prova da sua arte literária de criar mundos como os reflexos de sucessivas imagens de um espelho.

«César Aira é um geómetra psicadélico, e é garantido que
O Divórcio vos deixará sem fôlego.»

Patti Smith

«Tudo pode acontecer num romance de Aira, e quase tudo acontece.»

Los Angeles Times

«Um dos romancistas mais provocadores e idiossincráticos
da literatura em castelhano. Imperdível.»

The New York Times



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-787-761-2



9 789897 877612